

A produção de conhecimento científico no Espiritismo Racional - Uma abordagem sociológica da ciência e do conhecimento científico.

Eduardo Guedes.

Cita:

Eduardo Guedes (2019). *A produção de conhecimento científico no Espiritismo Racional - Uma abordagem sociológica da ciência e do conhecimento científico*. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/2>



A produção de conhecimento científico no Espiritismo Racional – Uma abordagem sociológica da ciência e do conhecimento científico

Eduardo Guedes¹

Resumo

Objetiva-se com esse trabalho apresentar os fundamentos do conhecimento científico-espiritual produzidos pelo Espiritismo Racional (ou Racionalismo Cristão) através da sua relação com as ciências ditas materialistas: Biologia, Física e Medicina. Tal relação, direciona sua prática para à compreensão do sentido da vida, da evolução espiritual e até do funcionamento da sociedade. A doutrina, baseando-se em algumas concepções de tais ciências, teve o seu surgimento na cidade de Santos/SP e foi codificada por Luiz de Mattos entre 1910, ano da fundação da doutrina, e 1914, quando ele começou a discordar de certos princípios que estavam sendo praticados pelo espiritismo kardecista. Nesse sentido, o Espiritismo Racional defende que o Universo (assentado pela ideia de evolução) é composto, somente, por Força (princípio inteligente, imaterial, ativo e transformador) e Matéria (elemento passivo e amoldável). Além disso, o Espiritismo Racional defende um estatuto científico que incorpora todo o éthos necessário para a produção de conhecimento, a saber: visa um fim; estuda a ordem dos fatos; emprega métodos, processos e instrumentos exclusivamente seus; cria teorias; estatui princípios; estabelece leis. No entanto, partimos da hipótese que o Espiritismo Racional, quando aciona algumas concepções das ditas ciências materialistas, parece usá-las no limite necessário para legitimar o conhecimento produzido, não exercendo qualquer revisão ou percepção das mudanças que o conhecimento, especialmente nessas áreas, obteve ao longo da história até os dias de hoje. Por fim, outra questão a ser problematizada é a própria concepção de ciência defendida pela doutrina que, segundo nosso referencial investigativo, parece ser rígida e estanque.

Palavras-chave

Racionalismo Cristão; Sociologia do conhecimento e do conhecimento científico; Produção de conhecimento científico.

Resumen

El objetivo de este trabajo es presentar los fundamentos del conocimiento científico-espiritual producido por el Espiritismo racional (o Racionalismo cristiano) a través de su relación con las llamadas ciencias materialistas: biología, física y medicina. Dicha



relación dirige su práctica a la comprensión del significado de la vida, la evolución espiritual e incluso el funcionamiento de la sociedad. La doctrina, basada en algunas concepciones de tales ciencias, tuvo su origen en la ciudad de Santos / SP y fue codificada por Luiz de Mattos entre 1910, año de la fundación de la doctrina, y 1914, cuando comenzó a estar en desacuerdo con ciertos principios que estaban practicando el espiritismo kardecista. En este sentido, el Espiritismo racional argumenta que el Universo (basado en la idea de la evolución) está compuesto solo de Fuerza (principio inteligente, inmaterial, activo y transformador) y Materia (elemento pasivo y moldeable). Además, el espiritismo racional defiende un estatuto científico que incorpora todo el ethos necesario para la producción de conocimiento, a saber: apunta a un fin; estudia el orden de los hechos; emplea métodos, procesos e instrumentos propios; crear teorías; Pongo principios; establece leyes Sin embargo, partimos de la hipótesis de que el Espiritismo racional, cuando desencadena algunas concepciones de las llamadas ciencias materialistas, parece utilizarlas hasta el límite necesario para legitimar el conocimiento producido, sin ejercer ninguna revisión o percepción de los cambios que el conocimiento ha obtenido, especialmente en estas áreas a lo largo de la historia hasta nuestros días. Finalmente, otro problema a problematizar es la concepción misma de la ciencia defendida por la doctrina que, según nuestra referencia investigativa, parece ser rígida y rígida.

Palabras clave

Racionalismo cristiano; Sociología del conocimiento y conocimiento científico; Producción de conocimiento científico.

Introdução

No final da década de 1960, os estudos sociológicos do conhecimento científico reorientaram o seu enfoque institucional da ciência em direção ao “núcleo-duro”² do fazer científico. Desde Mannheim (1956), passando por Merton (1970, 2013), Popper (1972, 2004), Kuhn (2017) até Knorr-Cetina (1981), Mulkay (1983, 1984, 1991) e Latour (1997), os estudos sociológicos da ciência adotaram ferramentas de natureza filosófica (principalmente a lógica) em relação à análise dos limites, da produção e da veracidade das afirmações científicas.

Neste artigo nos baseamos na literatura da sociologia da ciência e do conhecimento científico (embora em algumas vezes nos remeteremos à reflexão filosófica), trazendo



como centro de análise o Racionalismo Cristão (Ciência Espírita) para problematizar os fundamentos do conhecimento produzido por eles, uma vez que Guedes (1992, p.02), definiu o movimento enquanto aquele que: “analisa e expõe a origem, a natureza e a evolução da alma, a criação das matérias, o papel de átomos e células, a formação dos seres, a força psíquica, etc” (Guedes, 1992, p. 02). O movimento surgiu na cidade de Santos/SP e foi codificado por Luiz de Mattos entre 1910, ano da fundação da doutrina, e 1914, quando ele publicou a primeira obra intitulada *Espiritismo Racional e Científico* (cristão). A existência da doutrina se deu por um afastamento e discordância de certos princípios que estavam sendo praticados pelo espiritismo kardecista (acusado de misticismo). Ademais, a doutrina expressa a conjugação de dois conceitos norteadores que exprimem todo o seu conteúdo doutrinário-filosófico: racionalismo (através da ação do raciocínio lógico, promover bases sólidas para alcançar as convicções mais verdadeiras e encontrar o que se procura no emaranhado das ideias) e cristão (completa o sentido revelador da doutrina, pois sinaliza um código de conduta que reúne princípios espiritualistas: é viver a vida no aqui e agora sob normas espiritualistas).

A partir disso, a doutrina fundamenta-se pela ideia (aludida das ciências mais maduras, tais como a Física, Biologia e Medicina) de que o Universo (assentado pela ideia de evolução) é composto, somente, por Força (princípio inteligente, imaterial, ativo e transformador) e Matéria (elemento passivo e amoldável). A Força, aliás, comumente concebida pela maioria das pessoas como Deus, é denominada pela doutrina como “Força Criadora, Grande Foco ou Inteligência Universal”³, da qual, segundo eles, “somos apenas uma partícula que contém os mesmos atributos em forma latente, para serem desenvolvidos e aperfeiçoados nas inúmeras existências por que passamos na Terra” (Racionalismo Cristão, 2010, p. 15).

Agora, sobre o estatuto científico reivindicado pela doutrina, e que nos interessa sociologicamente, ela é peremptoriamente definida pelo Dr. A. Pinheiro Guedes em “Ciência Espírita” (1992). Segundo o autor, o Espiritismo (de cunho Racionalista Cristão) é a ciência eclética por excelência, porque “abrange o ciclo das evoluções que o espírito realiza desde o seu início, desde a sua origem” (Guedes, 1992, p. 15). Ela incorpora todo o ethos científico (visa um fim; estuda a ordem dos fatos; emprega métodos, processos e instrumentos exclusivamente seus; cria teorias; estatui princípios; estabelece leis⁴).

Tendo em vista as características do Racionalismo Cristão, apresentadas sucintamente,



percebemos a sua relevância para os nossos propósitos investigativos, levando em consideração a escolha do escopo teórico, seja ele filosófico ou, principalmente, da sociologia da ciência e do conhecimento científico, o que nos proporciona problematizar os fundamentos do conhecimento produzido por eles e algumas categorias científicas.

Justificativa

A ascensão do Espiritismo está refletida de forma significativa nas estatísticas sobre o Brasil. Conforme os dados do IBGE⁵, tanto no nível educacional quanto econômico, os espíritas em relação às outras religiões possuem os indicadores mais elevados. Isso quer dizer que, em relação ao primeiro indicador e às outras religiões, os espíritas têm a maior proporção de pessoas com nível superior (31,5%), sendo o restante sem instrução (1,8%) ou com o fundamental incompleto (15%). Apenas (1,4%) dos adeptos do espiritismo não são alfabetizados. Por sua vez, o segundo indicador demonstra que os espíritas são os únicos que possuem renda acima de cinco salários mínimos (19,7%). Além do mais, os espíritas, segundo o censo de 2010, estão em constante crescimento, somando 3,8 milhões de pessoas em relação à população brasileira, tendo o seu maior índice no Estado do Rio de Janeiro (4%), seguido de São Paulo (3,3%), Minas Gerais (2,1%) e Espírito Santo (1%). Mesmo sendo uma variante do Espiritismo, o Racionalismo Cristão, apesar de ter casas espalhadas⁶ pelo mundo todo (do Brasil, passando pela Europa até o continente africano), não possui nenhum trabalho de investigação a seu respeito. Conforme o Catálogo de Teses de Dissertações da CAPES, o espiritismo possui 277 trabalhos acadêmicos a seu respeito (190 para mestrado e 82 para doutorado). Com base nesses números e no nosso interesse acadêmico, a nossa escolha em torno desse objeto investigativo vai ao encontro da intenção de contribuir para o campo de investigação sociológica, mesmo que de maneira modesta, principalmente para a suavertente do conhecimento científico.

Metodologia utilizada

O trabalho aqui proposto busca problematizar a concepção de ciência e os fundamentos do conhecimento produzido por eles. Nesse sentido, uma das primeiras metodologias adotadas diz respeito à análise documental como fonte de informações relevantes sobre o Racionalismo Cristão, suas crenças e suas práticas. A análise documental corresponde a um “método de coleta de dados que elimina, ao menos em parte, a eventualidade de qualquer influência – a ser exercida pela presença ou intervenção do pesquisador – [...], anulando a possibilidade de reação do sujeito à operação de medida”



(Cellard, 2012, p. 295). Pretendemos analisar algumas obras dos fundadores dessa escola espiritualista e de outros comentadores. Compreendemos que essas obras apontam elementos constitucionais da doutrina racionalista cristã, em especial, sua compreensão do fazer científico.

A análise de conteúdo (Flick, 2009) servirá, nesse contexto, como método adequado para realizar a interpretação após a coleta de dados – visto que, como aponta Chizzotti (2006, p.98), “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

Resultados e discussão

Apesar da nossa abordagem transitar pela sociologia da ciência e do conhecimento científico, isso não quer dizer que alguns aspectos filosóficos devem ser deixados de lado. Assim, um primeiro aspecto que foi considerado por nós diz respeito à própria concepção de ciência. Suppes (1979), reconhece a dificuldade em definir o que “é” a ciência. Normalmente, quando realizamos essa pergunta, encontramos respostas (que ele chama de “esboço- padrão”) simplificadas em demasia⁷. Discutir ou compreender o que “é” uma ciência envolve diversas variáveis. Seja a junção de um “conhecimento sistemático (que não é infalível e passível de revisão contínua) com os métodos de investigação” (Nagel, 1961); “a utilidade e as condições da aceitação de hipóteses” (Levi, 1997); “a associação da ideia de ‘verdade necessária’ aos fatos” (Quine, 2011); “a simbiose contínua entre observação e interpretação científica” (Hanson, 1958); ou até, “a criação do fenômeno científico (seu refinamento) e não tanto a sua descoberta” (Hacking, 1983). Enfim, as possibilidades são inumeráveis.

Em nossa leitura o Racionalismo Cristão tem uma ideia de ciência um pouco dura demais. Eles enfocam muito na ideia de indução (método experimental). Tal questão já foi muito problematizada nos estudos sobre a produção do conhecimento científico, principalmente com Popper (1972, 2004). De acordo com o autor, e isso tem muito a ver com as assertivas científicas do Racionalismo Cristão, a ciência não se faz somente por essa conexão entre os enunciados singulares com os fatos observáveis. O apropriado critério científico (ou critério de demarcação científico, para falar numa linguagem popperiana) é conduzido pela ideia de falseabilidade. Tal ideia expressa que as teorias científicas devem ser passíveis de serem falseadas e conter limitações (predições



falseáveis). Ela deve ser testada até ser substituída⁸ por outra mais adequada ou “mostrar o seu valor” naquele momento. Mas, de que maneira ela deve ser testada? Ou melhor, de que maneira o critério de demarcação é conduzido? Através do que o autor chama de objetividade: “o resultado social de sua crítica recíproca, da divisão hostil-amistosa de trabalho entre cientistas, ou sua cooperação e também sua competição” (Popper, 2004, p. 23).

Nesse caso, o uso das reflexões popperianas nos ajudou a pensar em algumas questões acerca da ideia de ciência defendida pelo Racionalismo Cristão, uma vez que existe uma dimensão determinista, principalmente, quando eles afirmam que suas leis têm aplicação universal. Parece uma concepção fortemente vigente na Biologia do século XIX. A ideia de lei e sua dimensão determinística começou, de acordo com Popper (2004) e Hacking (1991), a enfrentar um forte processo de erosão. Com o advento da estatística, sobretudo aquela que começou a se desenvolver durante o século XVIII, a ideia de probabilidade começou a ser percebida durante a produção conhecimento científico, dificultando, assim, a ideia de produção de conhecimento estritamente objetiva. Além disso, o Racionalismo Cristão não parece abrir muita margem para o debate, no sentido popperiano, já que todas as coisas estão pré-determinadas pelo Astral Superior, como nos diz a própria doutrina:

Nenhuma criação foi obra do acaso, já que tudo obedeceu a uma determinação rigorosamente preestabelecida. O sentido da criação, aqui empregado, indica transformação da Matéria pela ação da Força. A idealização de mundos como o nosso corresponde às exigências da evolução (Racionalismo Cristão, 2010, p. 35-36).

Por sua vez, às considerações de Thomas Kuhn (2017) também são de suma importância para o nosso intento investigativo. Foi por intermédio da discussão kuhniana que a sociologia da ciência e do conhecimento científico tomaram novos rumos, destacando a produção do conhecimento científico e as influências do contexto social nas mesmas. Kuhn utilizou a análise de conteúdo como dimensão metodológica no estudo da evolução do conhecimento científico, o que lhe possibilitou o desenvolvimento de conceitos tais como “ciência normal”, “revolução científica” e “paradigmas⁹”. A partir daí o autor conseguiu sustentar a importante relação entre o conhecimento científico (perspectiva internalista) e o contexto social (perspectiva externalista). Tudo isso sinalizou um novo modo de pensar o desenvolvimento científico, pois, segundo



Peixoto (2005, p. 100), “foi ele um dos primeiros a nos relatar a transitoriedade das chamadas verdades científicas”. Nesse sentido, tais verdades eram compartilhadas pela comunidade científica, sendo esta, claramente, um grupo social.

Aqui podemos perceber que tais valores compartilhados pela comunidade científica têm um grande peso no segundo aspecto considerado por nós sobre a produção do conhecimento científico, bem como naquilo que é considerado científico. Porém, o Racionalismo Cristão defende a ideia de que o verdadeiro conhecimento não é produzido por meros valores compartilhados, mas, sim, “[...] exige estudo, meditação e clarividência” (Mattos, 1991, p. 69). O primeiro elemento, até é bem evidente, já que o estudo é uma das principais ferramentas na produção do conhecimento científico. Já os outros dois elementos parecem fugir um pouco da prática científica e se aproximar mais de uma reflexão mística.

Se, por um lado, a concepção de ciência do Racionalismo cristão busca estabelecer uma conexão com a concepção corrente (métodos, leis, etc.); por outro lado, essa mesma concepção busca se afastar da ideia de misticismo, visto que o Racionalismo Cristão (2001, p. 44) “apenas oferece esclarecimentos sobre a vida espiritual, de forma racional e científica, sem misticismos”. Contudo esse mesmo misticismo que é criticado, se formos entendê-lo como “a crença num modo de saber [...] uma sabedoria oculta que de repente se torna certa” (RUSSELL, 1957, p. 17); ou ainda, a “união com o divino” (WEBER, 2014, p. 368), parece estar presente, de maneira substancial, em algumas afirmações da doutrina. Por exemplo, na obra *Trajetória Evolutiva* (1983), Felino de Jesus afirma que para se conhecer a Verdade e realizar a limpeza psíquica, o homem deve pôr-se em contato, diariamente, “com as Forças Superiores” (1983, p. 75).

Por fim, Knorr-Cetina em *La fabricación del conocimiento* (2005) buscou demonstrar que os laboratórios científicos são “empresas” muito mal-compreendidas, uma vez que se pensa que lá, fundamentalmente, hipóteses são testadas. Partindo de uma perspectiva construtivista que observa a produção científica como “construções contextualmente específicas que têm como característica a situação contingente e a estrutura de interesse do processo pela qual foram geradas” (Knorr-Cetina, 2005, p. 61 tradução nossa¹⁰), a autora evidenciou que no laboratório as coisas são feitas para funcionarem, ou seja, a atividade científica dentro desses laboratórios seleciona apenas



aquilo que funcionará/funcionou sob situações específicas. Tendo como exemplo a obra “Racionalismo Cristão e ciência experimental” (2004) de uma racionalista cristã, a médica Glasi Ribeiro da Silva, podemos observar bem a ligação entre aquilo que Knorr-Cetina afirmou anteriormente sobre a seleção do que funcionou e “A captação do pensamento dos espíritos pelos médiuns”. Nesse artigo, Glasi Ribeiro defende a ideia de que a glândula pineal, bem aos moldes de Descartes (sede da alma racional), funciona como uma espécie de receptor que capta a opinião dos espíritos do Astral Superior. A autora afirma que o médium que tem disciplina em horários específicos está entrando “em sintonia com os órgãos do complexo pineal” (Silva, 2004, p. 12). Porém, mais adiante no texto, na mesma página, a autora categoricamente reconhece que:

O provável envolvimento da pineal em mediunidade ainda é, no momento, somente uma hipótese. E, para que ela seja validada pela ciência convencional, deverá ser provada experimentalmente através de metodologia adequada. E isso certamente será providenciado, em tempo oportuno, pela captação de intuições do Astral Superior por cientistas racionalistas cristãos.

Bom, a partir dessa afirmação, não fica claro se realmente a glândula pineal foi testada em algum determinado contexto (à la Knorr-Cetina) no Racionalismo Cristão ou se realmente ele ainda é uma incógnita biológica que foi reconhecida pela autora.

Reflexões finais

Buscamos nesse artigo, ainda embrionário, apresentar alguns aspectos que foram notados durante a nossa leitura de algumas obras do Racionalismo Cristão e a sua relação com nosso escopo teórico. Para isso, num primeiro momento apresentamos e problematizamos a concepção de ciência da doutrina que, em nossa percepção, é um pouco rígida e estanque demais. Nos servimos das considerações Popperianas para demonstrar que a ideia de ciência e sua relação, fundamental, com a indução (experiência) já foi bastante problematizada, ou seja, ela não é a principal fonte de garantia. Mais adiante também problematizamos a ideia de leis em contraste com a ideia de probabilidade (contingência? Acaso? Acidente?) que ao longo do tempo foi incorporada e reconhecida pelas mais diversas áreas científicas, inclusive na Biologia (Maturana & Varela, 1997) e na Física (Heisenberg, 1995).

Num segundo momento buscamos adentar e problematizar alguns aspectos da produção de conhecimento científico no Racionalismo Cristão, nos servindo das



considerações de Thomas Kuhn e da socióloga Knorr-Cetina. Com Kuhn observamos que no Racionalismo Cristão, aparentemente, não existe muita margem para a ideia de consenso, uma vez que todas as suas assertivas possuem um caráter que transcende (meditação e clarividência) e se assimila à mística. Já com Knorr-Cetina e suas considerações problematizamos aquilo que foi (ou não) testado pelo Racionalismo Cristão enquanto receptor das opiniões dos espíritos do Astral Superior. Se a glândula pineal foi testada e apresentada com o propósito de fundamentar a produção do conhecimento, suspeitamos que isso realmente tenha acontecido, já que a própria autora racionalista cristã, posteriormente, confessou suas dúvidas em relação às capacidades da glândula pineal enquanto receptor espiritual.

Notas

¹ Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Rio Grande do Sul, Brasil. Email: edu.rguesdes@gmail.com

² Esse “núcleo-duro” do fazer científico diz respeito ao nexo lógico, a coerência das afirmações científicas e seu estatuto de veracidade. Além disso, a análise sociológica do conhecimento científico também leva em consideração a maneira, os mecanismos e os artifícios usados na fundamentação do discurso científico e da ciência em geral.

³ A inteligência Universal para os racionalistas cristãos não é uma entidade, uma individualidade. Ela é uma grandeza infinita. A concepção veio justamente da crítica ao Evangelho que, para os racionalistas cristãos, não tem valor algum.

⁴ A noção de leis é de suma importância na cosmologia do Racionalismo Cristão. Na verdade, mais do que simples leis, elas são definidas como Leis Naturais: são imutáveis, indiferentes à vontade, decorrem de uma sequência lógica e são absolutas. Essas Leis Naturais sintetizam outras três leis defendidas pelo Racionalismo Cristão: Lei de atração (conectada à ação do pensamento), Lei de causa e efeito (nada acontece por acaso, nem existe contingência) e Lei da reencarnação (sucessão de existências que tem por finalidade a evolução espiritual).

⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2F0hr29>. Acesso em: setembro de 2019.

⁶ Disponível em: <http://racionalismocristao.net/pt/instituicao/casas/>. Acesso em: setembro de 2018.

⁷ Por exemplo, segundo o autor, normalmente as respostas se dividem em duas dimensões: uma lógica (composta por cálculos-lógico abstratos, termos teóricos ou um conjunto de regras, definidas e condensadas) e outra empírica (regras de conteúdo



empírico).

⁸ É assim que ciência avança e evolui para Popper. A ciência (ou uma teoria científica) não pode ser estática, absoluta, única ou imutável. Se esse for o caso, e ela descrever todo e qualquer fenômeno, ela se enquadra no que o autor chama de pseudociência (uma vez que ela é perfeita, infalseável – classificação irônica, obviamente).

⁹ A noção de paradigma é o ponto central na obra de Thomas Kuhn, pois é através dela que o autor assegura a existência da tradição dentro de uma área especializada do trabalho científico, isto é, universalmente reconhecidas num determinado contexto histórico.

¹⁰ No original: “construcciones contextualmente específicas que llevan las marcas de la contingencia situacional y de la estructura de intereses del proceso por el cual son generados”.

Referências bibliográficas

Alves de Jesus, Felino. Trajetória evolutiva. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Centro Redentor, 1983.

Boni, Valdete; Quaresma, Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 08 de Setembro de 2019.

Cellard, André. A análise documental. In: A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

Chizzotti, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

Flick, U. Introdução à pesquisa qualitativa. 3ª Ed. São Paulo: Artmed, 2009.

Guedes, A. Pinheiro Guedes. Ciência Espírita. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Casa-Chefe, 1992.

Hacking, Ian. Representing and Intervening: introductory topics in the philosophy of natural science. Cambridge: University Press, 1983.

Hacking, Ian. La domesticación del azar: la erosión del determinismo y el nacimiento de la ciencia del caos. Gedisa: Barcelona, 1991.

Haguette, Teresa. Metodologias qualitativas na sociologia. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

Hanson, Norwood. R. Patterns of Discovery: an inquiry into the conceptual foundations of science. Cambridge: University Press, 1958.

Heisenberg, Werner. Física e Filosofia. Brasília: Ed. UnB, 1995

Knorr-Cetina, Karin. La fabricación del conocimiento: um ensayo sobre el carácter



construtivista y contextual de la ciência. Argentina: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2005.

Kuhn, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 2017.

Latour, Bruno; Woolgar, Steve. A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume, 1997.

Levi, Isaac. The covenant of reason: rationality and the commitments of thought. Cambridge: University Press, 1997.

Maturana R., Humberto e Varela G., Francisco. De máquinas a seres vivos - Autopoiesis: a organização do vivo. Porto Alegre: Artmed, 1997.

Mattos, Luiz de. Cartas oportunas sobre o espiritismo. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Casa-Chefe, 1991.

Merton, Robert. K. Sociologia: teoria e estrutura. São Paulo: Mestre Jou, 1970;

_____. Ensaios de sociologia da ciência. São Paulo: Editora 34, 2013.

Mulkay, Michael; Knorr-Cetina, Karin. Science observed: perspective on the social study of Science. Beverly Hills: Sage Publications, 1983;

_____; Gilbert, Nigel. Opening Pandora's Box: a sociological analysis of scientists discourse. Cambridge: University Press, 1984;

_____. Sociology of Science: a sociological pilgrimage. Milton Keynes: Open University Press, 1991.

Nagel, Ernst. The structure of Science: problems in the logic of scientific explanation. Chicago: Harcourt, Brace & World, 1961.

Peixoto, Léo Rodrigues. Introdução à Sociologia do conhecimento, da ciência e do conhecimento científico. Passo Fundo: UPF, 2005.

Popper, Karl. A lógica da pesquisa científica. São Paulo: Cultrix, 1972;

_____. Lógica das Ciências Sociais. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

Quine, W. V. O. De um ponto de vista lógico. São Paulo: Unesp, 2011. Racionalismo Cristão. Perguntas e respostas. Rio de Janeiro: Casa-Chefe, 2001;

Racionalismo Cristão. Racionalismo Cristão. 44. Ed. Rio de Janeiro: Casa-Chefe, 2010.

Russell, Bertrand. Misticismo e Lógica. São Paulo: Editora Nacional, 1957. Silva, Glaci Ribeiro. Racionalismo Cristão e ciência experimental. São Paulo: Editora IBIS, 2004. V. 1.

Suppes, Patrick. Que é a teoria científica. In: Morgenbesser, Sidney (org.).

Filosofia da ciência. 3ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1979.

Weber, Max Economia e Sociedade. Brasília: Editora UnB, 2014. V. 1.